

Jornal Folha de São Paulo	Data 03/05/2016	Caderno Opinião	Página A3
------------------------------	--------------------	--------------------	--------------

# Os estudantes não podem esperar

Quarenta e cinco milhões. Esse é o tamanho do sistema educacional brasileiro. São 45 milhões de crianças e jovens nas salas de aula do país, todos os dias. Em meio a mais um período de instabilidade política e econômica, não é demais lembrar a urgência dos desafios que esses milhões de alunos enfrentam para ter educação de qualidade.

Se é consenso que as crianças não podem sofrer as consequências da crise, deve ser prioridade de todos, hoje e no futuro, preservar avanços e perseguir melhorias necessárias.

Um dos pontos fundamentais para a melhoria da qualidade da educação no Brasil é a construção de uma Base Nacional Comum Curricular -documento que estabelece com clareza o que é essencial a ser ensinado nas escolas.

Com isso, deve funcionar como uma espinha dorsal do sistema educacional, dando mais coerência para a formação de professores e a produção de materiais didáticos e avaliações, hoje desconectados.

Na ponta, os professores anseiam por uma base: 93% concordam que saber o que os alunos devem aprender a cada ano facilita o trabalho.

Por meio do Movimento pela Base, diferentes grupos da sociedade, com visões plurais, defendem a causa há mais de dois anos. Consed (Conselho Nacional de Secretários de Educação) e Undime (União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação) elegeram a base como tema prioritário.

Prevista desde a Constituição de 1988, a base entrou em 2014 no Plano Nacional de Educação (PNE), com prazo para ser concluída: 2016.

Como resultado, o Ministério da Educação construiu uma primeira proposta, aberta à consulta pública em setembro passado.

Frágil e com muitos pontos a melhorar, ficou claro que a versão preliminar da base necessitava de revisão, fato reconhecido inclusive pelos apoiadores da causa. Centenas de especialistas, gestores, educadores e entidades sugeriram mudanças, indispensáveis para a qualidade do documento.



Jornal Folha de São Paulo	Data 03/05/2016	Caderno Opinião	Página A3
------------------------------	--------------------	--------------------	--------------

Além do amplo debate, a consulta resultou em mais de 12 milhões de sugestões, vindas de cerca de 300 mil pessoas -a maioria professores.

A partir das críticas e sugestões, uma segunda versão será divulgada nesta terça (3). Esperamos que avanços relevantes ocorram. O passo posterior será a realização de seminários nos Estados, seguidos de novos ajustes que levarão à versão final.

Em todos os países, a elaboração de padrões curriculares é assim: um processo complexo. Para que efetivamente seja relevante ao sistema educacional, o documento precisa ser claro, ter altas expectativas a respeito da aprendizagem, ser fruto de entendimento entre visões diversas e dialogar com a realidade das escolas e redes (sob pena de não sair do papel).

Consultas públicas, debates acalorados, ajustes e validações sucessivas são parte do processo.

O fato de estarmos caminhando nessa direção, discutindo de forma ampla e madura propostas concretas, é um grande avanço para o Brasil. Seguir com a construção e implementação da base a partir daí, sem paralisações ou iniciativas que nos levem de volta à estaca zero, é um compromisso que deve ser assumido por todos que têm responsabilidade com o futuro de crianças e jovens, além de representar o cumprimento da legislação.

A responsabilidade com a qualidade da educação dos 45 milhões de estudantes brasileiros deveria ser sempre uma prioridade para o país, mesmo, e sobretudo, em momentos como este.

**CLEUZA REPULHO** foi presidente da União Nacional de Dirigentes Municipais de Educação

**MARIA ALICE SETUBAL**, a Neca, é presidente dos conselhos do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária - Cenpec e da Fundação Tide Setubal

**MARIA HELENA GUIMARÃES DE CASTRO**, é presidente da Fundação Seade (Sistema Estadual de Análise de Dados). Foi presidente do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais). As três integram o Movimento pela Base com outras 39 pessoas